

Etienne COUVERT, *De la gnose à l'œcuménisme. Les sources de la crise religieuse.*
Éditions de Chiré, Chiré en Montreuil, 1983, p. 57-71.

CAPÍTULO III

Descartes e a fé católica

Um Descartes secreto	1
Um Descartes iluminado e prometeico	2
A rejeição do real e da tradição	3
O Deus de Descartes	4
Uma moralidade "provisória"	6
Reações contra Descartes	7

Um Descartes secreto

Na vida de Descartes, há vários períodos em que perdemos o rastro de suas viagens e de sua atividade. Uma vida em perpétuas errâncias, amizades equívocas e cambiantes, fugas inesperadas, passagens rápidas pela França, uma preferência dada à Holanda e aos países protestantes... tudo isto exige uma explicação.

Descartes frequentou os rosa-cruzes, a primeira forma de maçonaria no século XVII. Seus maiores e mais fiéis correspondentes e amigos estavam entre eles. O matemático Faulhaber, um rosa-cruz exaltado, seu amigo Isaac Berckmann e vários pastores protestantes eram adeptos da seita.

Seu primeiro biógrafo, o Abbé Baillet, procurou cristianizar e idealizar seu personagem. No entanto, ele não conseguiu esconder algumas verdades que transparecem aqui e ali em sua história. "Descartes", diz ele, "frequenta uma irmandade de estudiosos na Suábia, que havia sido estabelecida lá há algum tempo sob o nome de Irmãos da Rosacruz". Eram, dizia-se, pessoas que tudo sabiam e que prometiam aos homens uma nova sabedoria, isto é, a verdadeira ciência que ainda não tinha sido descoberta... O objetivo da estadia de Descartes na Suábia era procurar esses novos sábios para conhecê-los pessoalmente e conversar com eles. Um de seus estatutos, é sempre Baillet quem nos diz, "era não parecer o que eram, não se distinguir dos outros homens nem pela vestimenta nem pelos modos de vida, e não se deixar descobrir em seu modo de falar...". Em outras palavras, transmitir seu ensinamento de forma bastante discreta para não revelar sua pertença à sociedade. E vemos Descartes observando fielmente essas regras dos rosa-cruzes. Vive sozinho, vaga de cidade em cidade, foge da companhia dos homens e das agitações do mundo para se dedicar ao estudo, para garantir a liberdade de seu espírito. Ele multiplica suas cautelas, publica suas obras depois de muita hesitação na Holanda e comunica seu trabalho aos pouquíssimos e discretos amigos. É claro que não encontramos em parte alguma sua filiação a essa sociedade secreta. Sempre será possível negá-la. Mas sua atividade e seu ensino são mais eloquentes do que um cartão de sócio.

Depois de vagar pelos exércitos protestantes, e também pelos católicos, da Alemanha, depois de uma longa estada na Suábia, à qual retornaremos em 1628, Descartes refugiou-se definitivamente na Holanda, matriculado em universidades protestantes: seus melhores amigos eram pastores. São estes últimos quem

traduzem suas obras para o latim. Ele teve um caso amoroso do qual lhe nasceu uma filha, Francine, que ele faz batizar por um pastor em Deventer.

O próprio Descartes deu o sentido de sua vida. "Assim como os comediantes precavidos se revestem de seus papéis para que não se veja a vergonha que lhe cobre o rosto, no momento em que estou prestes a entrar em cena no palco do mundo, no qual até agora fui apenas um espectador, eu caminho mascarado." Esta é, de fato, a fórmula satânica do "*larvatus prodeo*".

Um Descartes iluminado e prometeico

Acredita-se comumente que o método cartesiano lhe foi ditado por suas longas reflexões como filósofo, que se deve a uma meditação contínua e que finalmente lhe apareceu com a evidência que acompanha a atividade racional. Não é o caso. Descartes era, como todos os grandes subversivos, um iluminado.

Foi durante a sua estada com os rosa-cruzes na Suábia que ele teve um sonho. Já em 1618, já escrevia ao amigo e confidente, Isaac Berckmann: "Eu estava adormecido e vós me acordastes". Esta é a fórmula clássica da iluminação gnóstica.

Sua nova doutrina, ele não a inventou, ele a recebeu.

No dia 10 de novembro de 1619, ainda no seu "fogão" na Suábia, sonhou que um vento impetuoso o fazia cambalear e o desviara da intenção de fazer uma oração na capela do seu colégio em La Flèche: "*A malo spiritu ad templum propellebatur*": Fui impelido por um espírito maligno em direção ao templo. Felizmente fui desviado por este vento. Então ele é atingido por um raio que pensou ter ouvido assustando-o: "Foi o sinal do Espírito da Verdade que descia sobre ele para possuí-lo". Então ele lê um verso: "*Quod vitae sectabor iter?*" (que caminho seguirei na vida?) e as palavras "É e Não" que são, diz ele, o Sim e o Não de Pitágoras, representando a Verdade e a Falsidade no conhecimento humano. Através deste sonho, disse ele, "era o Espírito da Verdade quem lhe abriria os tesouros de todas as ciências". Fé "um deslumbramento brusco e repentino". Ele queria derrubar todos os velhos sistemas e "desnudar a sua própria mente". Não é esta a fórmula clássica de todos os subversivos?

Descartes acrescenta que foi "nesta famosa noite que lhe foi revelada a doutrina que é a pedra angular da filosofia e que pode ser resumida nesta dupla proposição: o princípio da ciência deve ser procurado em nós mesmos, já que está em nós, como o fogo na sílex, e devemos procurá-lo não através da razão dos filósofos, mas através da inspiração dos poetas, isto é, através da intuição." Esta é a grande palavra abandonada.

"*Intueor*" significa "olhar para dentro". O homem só precisa voltar o olhar para as profundezas da sua alma. Ele verá a Verdade nela. Ele a possui dentro de si. Não lhe vem do mundo exterior.

Paul Valéry ironiza, com razão: "O que poderia ser mais surpreendente do que esperar que sonhos tremendamente obscuros lhe sirvam de testemunho em favor de ideias claras!" E acrescenta: "Descartes pede para ser confirmado pelo céu em sua ideia de um método para que conduza adequadamente a sua razão. E este método implica uma crença e uma confiança fundamental em si mesmo, condições que lhe são necessárias para destruir a confiança e crença na autoridade das doutrinas tradicionais". Não poderíamos dizer melhor: a subversão das mentes e a grande revolução começaram com esta iluminação.

Descartes busca a "ciência admirável": "*mirabilis scientiae fundamenta*", aquela que engloba todas as ciências particulares e proporcionará o conhecimento total do mundo, uma ciência inata, desdobramento do nosso pensamento. Esta revelação do sonho é uma santa embriaguez, um Pentecostes da razão, uma ciência universal perfeitamente una, como a de Deus que tudo vê, constituída de uma só tacada, por uma única pessoa (ele, Descartes!) sem o lento trabalho de gerações, o esforço contínuo de muitos e a autoridade magistral de alguns.

Descartes percebe que "a ciência deve ser obra de uma única pessoa, que deve ser uma obra composta pela mão de um único mestre, assim como é bastante certo que o estabelecimento da Religião é obra somente de Deus". A Ciência tornando-se Religião universal, Descartes tornou-se Deus: esta é a "Grande Obra", a Arte Real dos nossos maçons, herdeiros dos rosa-cruzes.

"Dê-me espaço e movimento e eu vou refazer o mundo", disse ele novamente. Que afirmação exorbitante! Embora o mundo lhe seja dado inteiramente criado por Deus, Descartes considera-o malfeito. "Embora a vontade de Deus esteja unida a um poder material incomparavelmente maior que o meu, permanece o fato de que ela não é espiritualmente maior que a minha, na medida em que minha vontade é o poder de fazer ou não fazer algo, de afirmar ou negar, de perseguir ou fugir...". O que significa que o homem é igual a Deus através de seu espírito, mas lhe falta força material, Deus só supera o homem através da criação da matéria (este é um pensamento verdadeiramente gnóstico!). O que significa também que o Espírito está inteiramente reduzido à vontade e que esta vontade está reduzida à indiferença do julgamento em relação aos bens particulares, finitos e limitados que se apresentam ao homem... Esta definição de vontade não pode absolutamente ser aplicada a Deus... Descartes não entendeu, aqui, a analogia do ser, que é uma semelhança (e não uma igualdade) nas relações enquanto os termos da relação são radicalmente heterogêneos, de outra essência; o poder criador de Deus não é de natureza material e não é comensurável com o poder fabricante do homem. Não existe apenas uma diferença de grau entre a ação de criar e a de fabricar, há uma diferença de natureza. Contudo, a analogia diz respeito à relação entre o Criador e a sua criação, por um lado, e entre o artesão e a sua obra, por outro. Já podemos ver a ideia de um Deus demiurgo, o relojoeiro de Voltaire, surgindo aqui. Primeira forma de Deísmo. Mas que orgulho! Sou capaz, diz Descartes, de refazer a criação.

A rejeição do real e da tradição

"Pela palavra pensamento", diz Descartes, "compreendo tudo o que está de tal maneira em nós que, disto, nós sejamos imediatamente cognoscentes. Assim, todas as operações da vontade, do entendimento, da imaginação e dos sentidos são pensamentos".

"Pela palavra ideias", diz ele, "quero dizer aquela forma de cada um de nossos pensamentos pela percepção imediata da qual temos conhecimento desses mesmos pensamentos". Uma fórmula tautológica que se contenta em afirmar a identidade do nosso pensamento consigo mesmo.

Assim, a Verdade, que era, segundo o senso comum, a concordância do nosso pensamento com as coisas conhecidas, é aqui a concordância desse pensamento com a forma-ideia desse mesmo pensamento. Não é aquilo que existe que imprime sua forma, é a ideia inata, que se manifesta dentro de nosso espírito. "De tal maneira", diz Descartes, "essa luz natural me faz saber evidentemente que as ideias estão em mim

como pinturas e imagens que, na verdade, podem facilmente decair da perfeição das coisas das quais foram extraídas (olha só! finalmente uma concessão, mesmo que meramente formal, ao realismo!) mas que nunca pode conter nada maior e mais perfeito”.

Assim, as ideias são elas mesmas perfeitas, independentemente das coisas a que correspondem. Assim, também a Luz não ilumina a coisa para torná-la visível, mas ilumina o interior de nossa mente para fazer aparecer e desvendar imagens e formas que já estão contidas nela. Pouco importa o que são as coisas em si, já que não podemos conhecer o seu grau de perfeição.

Descartes teve que rejeitar a filosofia tradicional em primeiro lugar porque ela era um obstáculo à sua revolução nos espíritos. “A teologia foi tão subjugada a Aristóteles”, diz ele, “que é quase impossível explicar uma outra filosofia sem que ela pareça imediatamente ser contrária à fé”. Este é realmente o problema que a Igreja enfrentaria no século XIX: como ensinar a fé católica ao lado da filosofia cartesiana? Veremos que isso é impossível e que a nova filosofia é, em si mesma, destruidora da fé.

A filosofia moderna é impotente para dar conta da metafísica. Descartes mudou o vocabulário, suprimiu e fez desaparecer os termos da escolástica; mas, na realidade, foram as próprias noções que foram varridas por essa revolução.

Um cientista moderno, físico, químico, biólogo, não utiliza mais as noções de forma, essência, substância, etc. Assim, condena-se a não entender mais nada da realidade que observa e que mede com suas ferramentas matemáticas. O resultado é que, quando este cientista quiser eventualmente dominar seu tema, expandir seu conhecimento para o Universal, ele inesperadamente sai dos trilhos, desraciona, não sabe mais o que está dizendo. Vimos isso claramente no que diz respeito ao transformismo. O biólogo que busca a origem das espécies fala de "Evolução", diviniza a matéria, faz dela o todo do ser, atribui-lhe um poder divino de criar formas... etc.

No entanto, a Igreja continua a usar para o ensino de seu dogma as noções metafísicas da escolástica, que são as verdadeiras noções de toda metafísica, mas que não são mais ensinadas em outros lugares. Assim, o cristão educado nas disciplinas modernas está deslocado diante dessa linguagem antiga que lhe parece antiquada e ininteligível. Ele é, portanto, privado da ferramenta metafísica necessária para uma compreensão profunda da realidade. O ensino da Fé só pode ser feito com a ajuda dos conceitos metafísicos do tomismo, porque eles são a expressão elaborada do “senso comum”, fora do qual é impossível penetrar na natureza das coisas. A filosofia moderna é radicalmente impotente neste campo; é por isto mesmo que ela é destruidora da Fé.

Descartes ainda quer uma razão pura, em estado de natureza, se assim podemos dizer, privada da ajuda de um magistério que transmita uma tradição recebida, o ensino de uma verdade buscada e estudada por outros diante da qual a inteligência de cada um deve agir com humildade; uma razão ainda desprovida do “habitus”, isto é, das virtudes desenvolvidas pelo exercício e de um “ascetismo” intelectual que predispõe nossa mente à submissão à realidade.

O Deus de Descartes

Ao introduzir o "Cogito" como ponto de partida de sua filosofia, Descartes deve primeiro rejeitar todo conhecimento prévio através de uma dúvida que ele chama

de metódica, isto é, artificial e sistemática. Já se vê uma atitude absurda nessa pretensão exorbitante. Não se pode esvaziar o próprio espírito, por um capricho, por uma decisão arbitrária.

Quando começamos a refletir, a filosofar, temos um material sobre o qual nosso espírito trabalha, dados primários, objetos de conhecimento sobre os quais podemos elaborar uma reflexão. Não pensamos no nada, mas em alguma coisa. Essa posição de dúvida metódica pode ser dita, mas não pode ser praticada, porque nossa alma espiritual é feita para a Verdade e, portanto, para as certezas; sendo a dúvida apenas uma passagem temporária entre a ignorância e a certeza, e já pressupondo certos conhecimentos para nela confiar.

Como é então que Descartes sentiu a necessidade de excluir as verdades da Fé dessa dúvida metódica?

Se podemos duvidar, como afirma Descartes, de todos os objetos reais que nos cercam e cuja existência percebemos o dia todo, como não duvidar, *a fortiori*, de um mundo sobrenatural do qual não temos percepção direta? A pretensão de Descartes é insustentável e os cartesianos do século XIX não precisarão fazer muito esforço para negar a existência desse sobrenatural: essa será, por exemplo, a atitude de Renan.

O fato é que Descartes, contra toda probabilidade, mantém certezas religiosas além de qualquer dúvida metódica. Diz-se que ele queria escapar da ira do Santo Ofício. Talvez, e de fato, após sua morte, suas obras serão colocadas no índice, como veremos.

Há outra explicação. A existência de Deus e as verdades sobrenaturais ligadas a essa existência não são recebidas de fora nem pela percepção sensível, nem pelo ensino de um magistério, pois estas realidades são, segundo Descartes, incapazes de nos fazer alcançar a certeza; são verdades autoevidentes, ideias claras e distintas, imediatamente percebidas pelo intelecto em seu exercício imanente.

O "Cogito" transforma-se em outra fórmula: "Penso Deus, logo Deus existe". A existência de Deus está toda no meu pensamento, está suspensa no meu pensamento. "É quase a mesma coisa conceber Deus e conceber que Ele existe", nos diz Descartes.

O "quase" é admirável. Vemos uma hesitação antes de afirmar uma fórmula tão absurda. Percebe-se nisso uma precaução contra os críticos que não demorariam a se levantar diante de tal afirmação. Na verdade, se é quase a mesma coisa, então não é puramente a mesma coisa, então não é a mesma coisa.

Mas Descartes continuou seu pensamento: "Quando voltei a examinar a ideia que tinha de um ser perfeito, descobri que a existência estava incluída nele, da mesma forma que se entende no de um triângulo que seus três ângulos são iguais a dois ângulos retos". Este é o argumento, chamado ontológico, de Santo Anselmo, acompanhado de uma comparação obviamente matemática. Se um triângulo existe, seus três ângulos são iguais a dois ângulos retos, dirá o senso comum, mas isso não prova a existência do triângulo.

A existência não é um atributo que poderia ser adicionado a outros. A definição do triângulo é sua natureza, mas não sua existência. A ideia de perfeição entra na natureza de Deus, portanto em sua essência, mas não em sua existência. Não posso acrescentar à perfeição de Deus a ideia de existência de tal forma que, negando-se a existência, Deus não seria mais perfeito, pois lhe faltaria algo. De fato, se Deus não existisse, não teria nenhuma das perfeições que lhe poderiam ser atribuídas: bondade, força, amor, etc. Quando dizemos "Deus é supremamente justo", por

exemplo, a existência é incluída no verbo "ser" e não é adicionada como complemento à sua justiça para aperfeiçoá-la ou completá-la. Assim, a ideia de perfeição não contém a ideia de existência.

Para Descartes, era necessário reduzir a noção de Deus a uma definição matemática: a existência é entendida na ideia, mas esta não postula a existência no real fora do meu pensamento. Esta é uma primeira fórmula da Imanência Vital que os modernistas não terão dificuldade em desenvolver. Ela já estava contida nas afirmações do cartesianismo supostamente cristão. Maxime Leroy, em sua obra intitulada "Descartes, o filósofo mascarado", nos diz que suas manifestações religiosas são "diabolicamente ardilosas [*ergoteuses*]" e que ele era uma "alma esquiiva", expressão aplicada por São Pio X aos modernistas.

Uma moralidade "provisória"

Dissemos que a posição de dúvida metódica é insustentável para uma inteligência normal; é ainda mais para um homem que é obrigado todos os dias a agir e, portanto, a refletir sobre sua ação, de modo a conformá-la ao Verdadeiro e ao Bem.

"Para que eu não permanecesse irresoluto em minhas ações, enquanto a razão me obrigava a sê-lo em meus julgamentos..." Problema sério! Mas foi Descartes quem infligiu isso a si mesmo. Ele é forçado a forjar uma moral, chamada provisória: devemos agir como se soubéssemos, já que nossa inteligência não pode nos dar critérios certos e verdadeiros para nossa ação.

Descartes acrescenta: "Não seguir menos constantemente as opiniões mais duvidosas como se elas fossem muito seguras, uma vez que eu me tivesse determinado a isso. [...] É uma verdade muito certa (olha só! olha só! uma certa verdade, quando tudo é duvidoso!) que, quando não está em nosso poder discernir as opiniões mais verdadeiras, devemos seguir as mais prováveis, e, ainda que não notemos mais probabilidades em umas do que em outras, devemos, contudo, decidir-nos por algumas e considerá-las, a seguir, não mais como duvidosas, na medida em que se relacionam com a prática, mas como muito verdadeiras e muito certas, porque a razão que a isso nos determinou como tal se apresenta".

Mas como, então, a razão pode nos determinar àquilo que não tem razão determinante para nos fazer agir?

Não é, pois, a razão, mergulhada na dúvida da qual não pode escapar, que nos leva à ação! O que é então?

"Isso foi capaz, desde então, de libertar-me de todos os arrependimentos e remorsos que costumam agitar as consciências desses espíritos fracos e hesitantes que se deixam levar inconstantemente a praticar, como boas, as coisas que depois julgam serem más."

Eis aí onde tínhamos de chegar! Livrar o homem do remorso e do arrependimento! Para livrá-lo da obrigação de julgar antes de agir, obrigação dolorosa e fonte de conflitos interiores entre a razão espiritual e as paixões sensíveis, o esforço do intelecto para ordenar em nós os diferentes apetites.

E que conclusão admirável! Agir! Agir! As nossas dúvidas tornar-se-ão, assim, certezas: o que fiz é bom, já que o fiz, pela única razão de o ter julgado desta forma. É a minha ação que determina a verdade. Descartes é "um espírito forte" que não se preocupa com as contradições encontradas no curso da vida entre nossos desejos mais ou menos desordenados e nosso conhecimento da verdade. O jargão eclesástico moderno faz uso extensivo da frase "fazer a verdade".

Já estava em Descartes.

Reações contra Descartes

Não se deve acreditar, como já foi dito, que Descartes recebeu sua formação filosófica dos jesuítas de La Flèche. Ele a recebeu dos rosacruzes da Suábia. Seu próprio professor de filosofia, padre Veron, era um partidário apaixonado da Santa Liga e compusera uma obra de violenta controvérsia contra os protestantes, aqueles a quem Descartes faria seus melhores amigos.

Durante todo o *Grand Siècle* [séc. XVIII], os jesuítas foram fervorosos opositores do cartesianismo. Um pai de Valois escreveu na época:

“Os sentimentos de Descartes são opostos aos da Igreja e são conformes aos de Calvino”, o que não foi mal observado.

Durante toda a sua vida, Descartes tentou fugir da polêmica com os jesuítas, por medo de ser denunciado em Roma.

Em 1665, o padre Channerelle, jesuíta, escreveu: “Em uma palavra, a doutrina cartesiana difere da doutrina aristotélica, como a poesia da realidade, como a imaginação do intelecto”. (É importante lembrar: buscar o princípio da ciência não pela razão dos filósofos, mas pela inspiração dos poetas, é o que diz o próprio Descartes).

As obras de Descartes foram colocadas no Index em 1663, “donec corrigatur”, especifica o decreto, “até que (sua filosofia) seja corrigida”. Que pena! Não é possível corrigir o que está radicalmente errado, ou seja, falso em sua própria raiz.

A atitude de Bossuet a este respeito é muito sugestiva. Às vezes acontece que as habilidades da linguagem, os disfarces do pensamento, enganam os mais ponderados.

Inicialmente, Bossuet expressou satisfação com as afirmações espiritualistas de Descartes e certas páginas sobre as provas da existência de Deus que pareciam reproduzir o ensinamento tradicional da Igreja, como encontrado em Santo Agostinho ou Santo Tomás. Sabemos hoje que eram atitudes de cautela destinadas a afastar as acusações de impiedade ou ateísmo que nosso filósofo muito temia.

Quando Bossuet entendeu, ao ler Malebranche, onde as premissas do cartesianismo necessariamente levavam, seu instinto de fé e seu robusto senso comum surgiram. Ele escreveu esta notável carta a um discípulo do Padre Malebranche, que mostra como sua clarividência foi profética:

“Vejo uma grande luta sendo preparada contra a Igreja sob o nome de filosofia cartesiana. Vejo mais de uma heresia surgindo de seu seio e de seus princípios, e prevejo que as consequências dela tiradas contra os dogmas que nossos pais sustentavam a tornarão odiosa e farão com que a Igreja perca todos os frutos que poderia esperar para estabelecer na mente dos filósofos a divindade e a imortalidade da alma. A partir desses mesmos princípios, outra terrível desvantagem está insensivelmente ganhando na mente das pessoas. Pois, sob o pretexto de que devemos admitir apenas o que entendemos claramente, o que, reduzido a certos limites, é muito verdadeiro, cada um se dá a liberdade de dizer: ouço isso e não ouço aquilo, e só com base nisso aprovamos ou rejeitamos o que quisermos, sem pensar que, além de nossas ideias claras e distintas, há verdades confusas e gerais que não deixam de abarcar verdades tão essenciais que se derrubaria negando-as... Sob este pretexto, introduzem uma liberdade de julgamento que permite avançar imprudentemente tudo o que se pensa, sem levar em conta a Tradição. E nunca esse excesso apareceu mais do que no novo sistema, pois nele encontro de uma só vez as desvantagens de todas as seitas”.

“O sucesso com que pareceis tão satisfeitos assusta-me, pois quando se é bem-sucedido no campo da teologia, tem-se motivos para louvar a Deus pela bênção que Ele concede às obras que Ele inspira em nós. Mas quando alguém se distancia dos sentimentos da Igreja e da Teologia que encontrou universalmente recebida lá, o sucesso só pode vir da atração da novidade, e toda alma cristã deve tremer diante dele. Este é o sucesso que os hereges tiveram”.

“Como vós, eles deram a si mesmos um ar de piedade nomeando muito Jesus Cristo e adornando-se com sua Escritura (no duplo sentido da palavra "adornar-se": adornar-se e proteger-se). Como vós, eles se gabavam de propor maneiras de trazer os errantes de volta à Fé da Igreja (por exemplo, as reivindicações de Descartes de responder aos epicuristas, ateus e libertinos). Citar as Escrituras com frequência e alegar apenas o que não tem utilidade na matéria é outro dos artifícios que o erro usa para atrair os piedosos”.

“Não penseis que, ao comparar-vos aos hereges, quero acusar-vos de ter sua indocilidade, ou aquilo que finalmente os levou a se revoltarem contra a Igreja, Deus me livre! Mas sei que é gradualmente que se chega a este ponto. Começamos com a novidade, continuamos com a teimosia. É de se temer que ocorra uma revolta aberta no futuro, quando o assunto desenvolvido atraia os anátemas da Igreja e depois de que ela, talvez, tenha ficado em silêncio por muito tempo sem alertar para o erro...”

Uma carta marcante em todos os sentidos. Mostra os caminhos do erro na mente das pessoas. Um novo princípio (por exemplo, dúvida metódica, ideias claras e distintas, o Cogito, etc.) pode não revelar imediatamente todas as consequências nele implicadas; especialmente se o autor, por habilidade tática, procura enfraquecer seu alcance por meio de restrições, declarações de boa-fé e outros subterfúgios de que fala Bossuet.

Mas, acima de tudo, Bossuet contrasta ideias claras e distintas com as “confusas e gerais que encerram verdades essenciais que não podem ser negadas sem derrubar tudo”. Uma distinção fundamental. O que Descartes chama de “ideias claras e distintas”, que são as únicas afetadas, segundo ele, pelo caráter da evidência, não são as formas dos objetos conhecidos, mas os seres da razão, os princípios matemáticos ou axiomas, os números, as proposições deduzidas desses princípios, moldadas pelo intelecto de acordo com as convenções necessárias de nossa mente.

São ferramentas lógicas destinadas a permitir a mensuração da realidade, na medida em que ela é "extensão e movimento". Estes são os conceitos mais universais, os mais desprovidos de conteúdo, os mais vazios. Eles são, sem dúvida, conhecidos imediatamente, sem a passagem pela percepção sensível, e ainda assim seu ponto de partida está de fato na realidade externa, mas apenas na medida em que é quantificável. O número dois não pode ser lido nas coisas. Dois nada mais dois nada não fazem quatro nada, não fazem nada. O que se sabe pela mente com certeza não é o número, mas a coisa numerada: duas árvores mais duas árvores, elas fazem quatro árvores; são as árvores que são realmente conhecidas.

Quando nossa mente se aplica a seres reais e não a seres de razão, ela encontra um grande obstáculo: a matéria, com o que, nela, permanece virtual, potencial, inacabado, desbotado. Nossa mente não pode traduzir fielmente em ideias claras e distintas o que permanece indeterminado, fluindo, movendo-se no ser.

Este é o problema, bem visto por São Tomás e incompreendido por Descartes, da contínua degradação do ser. Há passagens insensíveis e graduais entre o confuso e o claro. O "claro" não é primário, muito menos inato, mas é adquirido, é obtido por uma elaboração, pelo despojamento de uma confusão primitiva cheia de riquezas

que nossa mente deve empreender para "ver claramente", na realidade que lhe é dada como um todo. E é bastante óbvio, como diz Bossuet, que nossas ideias confusas e gerais são uma primeira apreensão de uma realidade rica em formas que teremos que extrair por abstração: serão verdades muito certas, reproduções em nossas mentes das ideias já contidas nas coisas.

Assim, nunca podemos alcançar as profundezas da natureza interior de Deus, de nossa alma ou das coisas. Eles sempre permanecerão escondidos de nós por esse ângulo. No entanto, nossa inteligência é capaz de conhecer com certeza a forma, a ideia orientadora, que é de essência espiritual como nossa alma.

Isso é suficiente para afirmar a existência das coisas, a de Deus com certeza. Nossa mente não precisa dar um salto para o desconhecido, e o ceticismo universal, que está implicitamente contido na filosofia de Descartes e que seus discípulos professariam no século XIX, não se funda na razão.